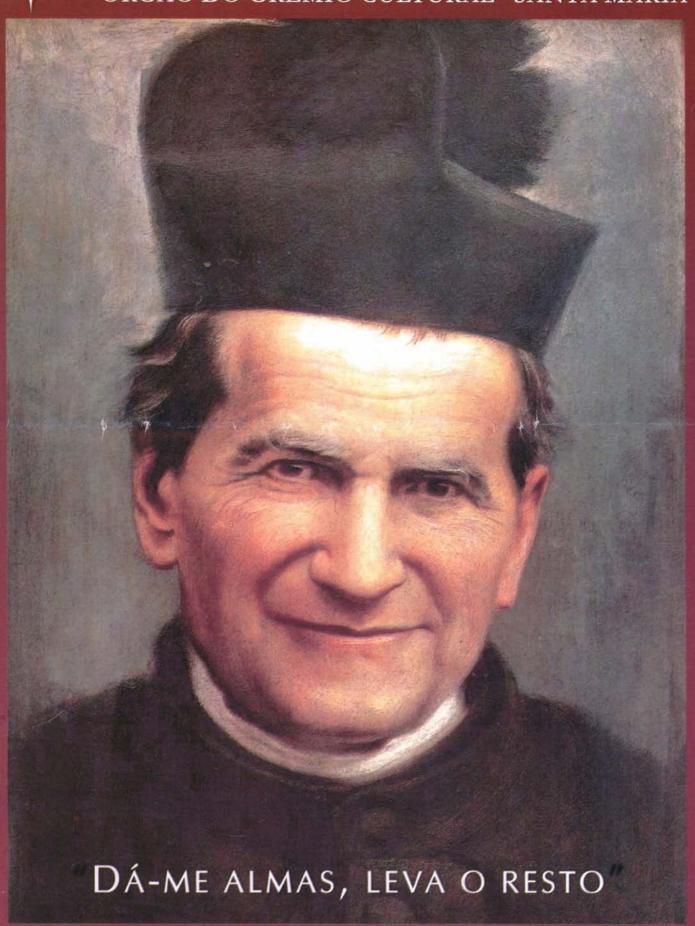


O DESBRAVADOR ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



ANO XXIX

JANEIRO/FEVEREIRO

2008

337/338

Escrevem os Leitores

Bom dia! Eu gostaria de receber um exemplar desta revista. DANIEL G. MORANDI.

São Paulo - SP.

Sou contra o aborto, uma vez que não passa de matança generalizada de crianças, não importando se estão dentro ou fora do ventre materno.

Estou reunindo algumas mulheres para começarmos um movimento contrário ao aborto e sua legalização. O objetivo do movimento é evidente, ou seja, leis de penalização muito mais pesadas além da fiscalização e fechamento de clínicas que praticam esses assassinatos.

Sou e sempre fui católica, apostólica romana, sou a favor da vida.

Que Deus os abençoe.

HELENA MARIA BENEDETTI PESSOA.

São Paulo - SP.

Solicitamos, se possível, 4 exemplares a cada edição da resvista O Desbravador.

MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA CAMINHOTTO.

São Paulo - SP.

Comunico mudança de endereço para...

Peço também informações, como fazer débito automático em conta corrente. Aguardo retorno obrigado.

MARIA LUCIA

Campinas - SP.

Boa tarde!

Gostaria de receber exemplares do "O Desbravador".

ANGELA MARIA V. FARKAS.

São Paulo - SP.

Contribuição para o jornal do mês de novembro.

EMILIA EIKO HASEGAWA.

São Paulo - SP.

Agradeço muito e muito mesmo, a todos estes anos que recebo tão precioso Órgão do Grêmio Santa Maria. TEREZINHA SEMPERE.

São paulo - SP.

Venho através desta, solicitar que não seja mais enviado para minha residência, a publicação religiosa que constantemente recebo de V. Sas. passando assim, a ser encaminhada a meu endereço comercial.

GUSTAVO MIGUEZ DE MELLO.

Rio de Janeiro - RJ



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS.

ASSISTENTE DE DIREÇÃO PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS GERALDO JOSÉ DE MATTOS JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA

PATRICIA MIDÕES DE MATTOS MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO SHEFFERSON SANDER FERREIRA MARIA PAULA BRANCO DE MATOS CLARA REGINA B. DE MATOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUÉ S. RIBEIRO FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATTOS GERSON FERNANDES DOS SANTOS ROGÉRIO VERÍSSIMO MANOEL RAIMUNDOS S. MOURA.

GRUPO DE APOIO

JOÃO PEDRO BRANCO DE MATTOS EMANOEL ROBSON WENDT ARTUR DE OLIVEIRA PASSOS RENATO BARBOSA DOS SANTOS FABIANO ALVES DE OLIVEIRA

> COMPOSIÇÃO ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA CAIXA POSTAL - 1525 01059-970 - SÃO PAULO - SP E-mail - odesbravador@uol.com.br

EDITORIAL



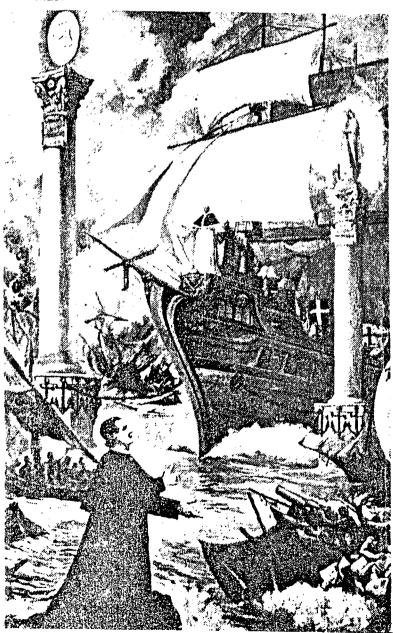
120 Anos de Dom Bosco

19 de julho de 1870, as tropas italianas invadem Roma, para tomá-la do Papa. Pio IX, diante da situação consulta D.Bosco sobre o que fazer.

O santo, cercado de jovens, recebe a consulta e em carta expedida com urgência responde "A sentinela, o Anjo de Israel, fique em seu posto, quardando a cidadela de Deus e a Arca Santa".

Em 1878, morrera o Papa Pio IX. O Cardeal Camerlengo, Joaquim Pecci, cuidava da organização do Conclave que elegeria o sucessor. Enquanto dirige os trabalhos dos operários que preparavam as celas dos conclavistas, um velho sacerdote, sorridente se aproxima dele e lhe diz:

"Permita-me Vossa Eminência que lhe beije a mão."



"Quem é o senhor e o que o trás aqui?"

"Sou um pobre sacerdote que agora beija a mão de Vossa Eminência, rogando ao céu que, dentro em pouco, lhe possa beijar o pé sagrado".

"Cuidado com o que diz! Proíbo-o que rogue assim!"

"Vossa Eminência não me pode proibir que peça ao Senhor que se cumpra a Sua Vontade".

"Se reza como disse, ameaço-o com as censuras".

"Ainda não tem Vossa Eminência faculdades para infringir censuras. Quando tiver, saberei respeitá-las".

"Mas que é o senhor que fala com semelhante desempenho?"

"Sou Dom Bosco".

"Ah! Por favor, não fale assim. É tempo de se trabalhar e não de caçoar".

A 20 de fevereiro daquele ano, o conclave elegia o Cardeal Pecci, que tomava o nome de Leão XIII. Mais uma predição de Dom Bosco se cumpria.

Mas quem era esse Dom Bosco? Quem era esse padre que, ao mesmo tempo em que cuidava dos interesses diplomáticos da Santa Sé, apostava corridas com os seus alunos? Quem era esse homem que fazia milagres e tinha sonhos nos quais Nossa Senhora lhe falava e dizia o que devia fazer? Quem era ele que construía igrejas, oratórios, escolas e publicava livros e leituras para a edificação do povo católico?

Dom Bosco era um homem do campo, órfão de pai aos 2 anos, pobre, que fizera mil peripécias para chegar a ser padre. Mas, Dom Bosco era um Santo. E, por ser Santo, Deus operou por meio dele maravilhas, que não envaideciam a ele, mas o faziam ser mais fiel a Deus e a Nossa Senhora.

Dom Bosco dizia que se Deus houvesse encontrado no mundo alguém mais miserável que ele, este seria o escolhido para tantas obras grandiosas e não ele.

Nasceu Dom Bosco em 16 de agosto de 1815, na pequena localidade dos Becchi, Castelnuovo, no Piemonte, atualmente norte da Itália.

Viveu num século de lutas para a Igreja, numa época em que se atacava o sobrenatural.

E Dom Bosco foi um bravo defensor da Santa Igreja. Foi também um homem de vida toda permeada pelo sobrenatural.

Teve por Mestra Nossa Senhora, que, desde os 9 anos, Se manifestou a ele em maravilhoso sonho e foi sua Guia, por toda a abençoada vida terrena, deste grande santo, que terminou há exatamente 120 anos.

O APÓSTOLO DA JUVENTUDE

Recém ordenado sacerdote, Dom Bosco entrou em contato com as misérias que tomavam conta da juventude de sua época.

Levado por seu diretor espiritual, São José Cafasso, às prisões, pode verificar a grande decadência que se apoderara dos jovens ali detidos. Dom Bosco viu também que, malgrado seus propósitos, muitos deles para lá retornavam depois da saída.

"Quem sabe, se tivessem lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instruísse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou, pelo menos, não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere?", pensava ele.

Por outro lado, um padre amigo, São José Cotolengo, dizia que Dom Bosco precisava arranjar uma batina mais grossa, pois seriam tantos os jovens a rodeá-lo que poderiam rasgar-lhe o hábito.

Foi na festa da Imaculada Conceição de Maria, em 8 de dezembro de 1841, que ocorreu o episódio que daria origem à grande obra de Dom Bosco com os jovens. Deixemos que ele mesmo nos conte o ocorrido: "... estava, à hora marcada, vestindo-me com os sagrados paramentos para celebrar a santa missa. O sacristão, José Comotti, vendo um rapazinho a um canto, convidou-o a ajudar-me na missa.

- Não sei! respondeu ele, todo mortificado.
- Vem replicou o outro -, tens que ajudar.
- Não sei retorquiu o rapaz nunca ajudei.
- És um animal disse o sacristão enfurecido -. Se não sabes ajudar a missa, que vens fazer na sacristia? E, assim dizendo, tomou do espanador e começou a desferir golpes nas costas e na cabeça do pobrezinho. Enquanto este fugia, gritei em voz alta:
- Que está fazendo? Por que bater nele desse jeito? O que é que ele fez?
- Não sabe ajudar a missa, por que vem à sacristia?
 - Mas você agiu mal.
 - E que lhe importa?
- Importa muito, é um amigo meu; chame-o imediatamente, preciso falar com ele.
- Oi, rapaz! pôs-se a chamar, e correndo atrás dele e garantindo-lhe melhor tratamento trouxeo para junto de mim.
- O rapaz aproximou-se a tremer e a chorar pelas pancadas recebidas.
- Já ouviste missa? disse-lhe com a maior amabilidade que pude.
 - Não. respondeu.
- Vem então ouvi-la. Depois gostaria de falar de um negócio que vai te agradar.



Prometeu. Era meu desejo aliviar o sofrimento do pobrezinho e não deixá-lo com a má impressão que lhe causara o sacristão.

Celebrada a santa missa e terminada a ação de graças, levei o rapaz ao coro. Com um sorriso no rosto e garantindo-lhe que já não devia recear novas pancadas, comecei a interrogá-lo assim:

- Meu bom amigo, como te chamas?
- Bartolomeu Garelli.
- De onde és?
- De Asti.
- Tens pai?Não, meu pai morreu.
- E tua mãe?
- Morreu também.
- Quantos anos tens?
- Dezesseis.
- Sabes ler e escrever?
- Não sei nada.
- Sabes cantar?
- Não.
- Sabes assobiar?

E então o menino sorriu.

- Já fizeste a primeira comunhão?
- Ainda não.
- Já te confessaste?
- Sim, quando era pequeno.
- E agora, vais ao catecismo?
- Não tenho coragem.
- Por que?
- Porque meus companheiros mais pequenos sabem o catecismo, e eu, tão grande, não sei nada. Por isso fico com vergonha de ir a essas aulas.
 - Se te desse catecismo à parte, virias?



- Então sim.
- Gostarias que fosse aqui mesmo?
- Com muito gosto, contanto que não me
- Fica sossegado, que ninguém te maltratará. Pelo contrário, serás meu amigo. Terás que haver-te \$6 comigo e mais ninguém. Quando queres começar?
 - Quando o senhor quiser.
 - Esta tarde serve?
 - Sim.
 - E se fosse agora mesmo?
 - Sim, agora mesmo. Que bom!

Levantei-me e fiz o sinal da cruz pará começar; meu aluno não o fez porque não sabia. Naquela primeira aula, procurei ensinar-lhe a fazer o sinal da cruz e a conhecer Deus Criador e o fim porque nos criou. Embora tivesse pouca memória, conseguiu, com assiduidade e atenção, aprender em poucos domingos as coisas necessárias para fazer uma boa confissão e, pouco depois, a Primeira Comunhão."

Nos domingos seguintes, Bartolomeu Garelli voltou e trouxe amigos seus. A estes se juntaram alguns rapazes que Dom Bosco conheceu no mesmo dia que Garelli. Estava formado o Oratório festivo de Dom Bosco, que aos domingos e dias santos reunia centenas de jovens para cantarem, brincarem, aprenderem o catecismo, assistirem à Santa Missa, confessarem-se, enfim, para se aproximarem de Deus.

O oratório cresceu, passou por mil peripécias, estabeleceu-se definitivamente na casa Pinardi. Dom Bosco começou a dar exercícios espirituais para os jovens, estabeleceu a escola noturna e depois o orfanato, construiu a primeira igreja, abriu oficinas de aprendizado.

A sua obra se expandia. Necessitando de auxiliares, Dom Bosco procurou um primeiro núcleo de colaboradores. Foi uma tentativa frustrada, mas numa segunda ocasião, Dom Bosco irá encontrar no jovem Miguel Rua o braço direito que, não só colaborará com ele, mas que será o seu sucessor.

Com Miguel Rua e mais três jovens, entre os quais o futuro Cardeal Cagliero, Dom Bosco irá formar a Sociedade Salesiana, que tanto bem irá operar no mundo, em prol da educação católica da juventude.

Simultaneamente, Dom Bosco dedicava grande parte de seu tempo a escrever. Escrevia livros didáticos sadios para que a juventude tivesse onde estudar, sem se contaminar com más leituras. Escrevia biografías e obras de piedade. Escrevia as "Leituras Católicas", feitas no inicio para combater a perniciosa seita dos valdenses. Isto custaria a Dom Bosco, inúmeros atentados contra sua vida, dos quais ele sairia ileso graças à miraculosa proteção de Maria Santíssima.

Dom Bosco não parava. Seus olhares se voltaram para a salvação da juventude feminina. E Dom Bosco vai encontrar, numa moça humilde, a colaboradora que necessitava para fazer às jovens o bem que já se fazia aos rapazes. Maria Mazzarello era seu nome. Moça de tal virtude, pureza e zelo que, apesar de viver somente 44 anos, fez o suficiente para alcançar a glória dos altares.

O instituto das Filhas de Maria Auxiliadora foi o ramo feminino das obras de Dom Bosco e fez pelas moças um bem invulgar mundo afora, seja em colégios, oratórios, leprosários ou outras obras.

Incansável no seu zelo, Dom Bosco criou uma associação ímpar na história da Igreja: os cooperadores salesianos. Pessoas de todos os estados de vida que viriam a dar, às obras de Dom Bosco, a cooperação possível na forma de vida em que estivessem. Fosse um donativo, umas aulas, uma oração, enfim, todos podiam participar e beneficiar-se dos frutos espirituais da família salesiana.

Em 1875, Dom Bosco enviou a primeira expedição missionária salesiana à Patagônia. Em breve, os filhos e filhas de Dom Bosco estariam nos rincões mais longínquos do mundo, a salvar almas pelas quais Nosso Senhor morreu.

Quando morreu, em 1888, as obras de Dom Bosco estavam espalhadas por vários países. Todos viam nele um prodígio da caridade cristã. Seus funerais foram uma verdadeira apoteose. Reconhecimento merecido a quem passou esta vida a fazer o bem.





"DA MIHI ANIMAS"

Duas frases tinha Dom Bosco escritasno seu escritório. Uma era aquela que costumava repetir São Francisco de Salles: "Da mihi animas, caetera tolle", ou seja: "Senhor, dai-me almas e pegai todas as outras coisas". A outra frase eram as palavras de Jesus: "Uma coisa só é necessária: salvar a alma".

A salvação da alma!... Eis a grande frase que costumava repetir para todos, aos jovens e aos velhos, aos pobres e aos ricos, aos poderosos e até aos sacerdotes.

Quando acolhia um novo aluno no Oratório, depois de ter ganho seu coração com perguntas joviais, tomava um aspecto mais firme, entre o sério e o sorridente, todo próprio dele e dizia:

"Lá-lá! Dizia-lhe abaixando um pouco a voz num ato de confidência, agora falemos daquilo que mais importa. Quero que sejamos amigos, saiba! Queres ser meu amigo? Eu quero ajudar-te a salvar tua alma! E como estamos de alma? Eras bom em casa? Mas aqui serás melhor, não é verdade? Entendes o que eu quero de ti? Quero que vamos juntos para o Paraíso!"

O jovenzinho sorria, anuía com a cabeça, e respondia com algum monossílabo ou, abaixava os olhos e enrubescia, de acordo como se sucediam as interrogações, as quais não eram jamais insistentes, nem esperavam resposta. Ele, no entanto, com olho perscrutador percebia tudo e adivinhava o caráter, o engenho e o coração.

E não era só a saudação das primeiras acolhidas, mas a recomendação cotidiana, por todo o tempo que os novos acolhidos não tivessem

compreendido a que ambiente tinham vindo. Encontrando este ou aquele no pátio, depois de qualquer palavra graciosa, costumava lhe dizer: "Quero que tu sejas meu grande amigo. E sabe o que quer dizer ser amigo de Dom Bosco?"

"Quer dizer que devo ser obediente".

"É muito genérica a tua resposta. Ser amigo de Dom Bosco quer dizer que me deves ajudar..."

"Em que coisa?"

"Em uma só coisa: salvar a tua alma! O resto pouco importa".

E, como era a primeira palavra que dizia a um jovem quando entrava no Oratório, era também a última que repetia na hora em que partia. "E foram cerca de quinze mil", diz Monsenhor Cagliero, que Dom Bosco abrigou, mantidos, educados no refúgio de Turim, e um número muito maior ele instruiu e catequizou no Oratório festivo daquela cidade, como externos. E todos receberam o benefício de sua benção paterna e sacerdotal. Ou então, encontrando-os após anos e anos, ele francamente lhes repetia as mesmas palavras: "Outrora tu eras bom... é ainda agora? Fizeste a Páscoa? Faz muito tempo que não te confessas?"

Era comum dizer: "Só temo duas coisas: o pecado, que dá morte à alma e a morte corporal, que surpreende quem não se encontra em estado de Graça".

Este temor, ocorrendo, fazia-o revestir a habitual doçura com o zelo mais ardente.

Ele mesmo barrava numa conversação familiar, em 1861. "Deve-se agradecer a Misericordia de Deus. Conhecem o jovem Delma. Há pouco tempo

and the same of the same

veio para cá. Eu já tinha sido prevenido sobre sua conduta passada... Ele se agitava e estava sempre olhando se era espiado, pensava com quem pudesse falar com confiança. Por toda parte se julgava observado. Finalmente eu lhe perguntei:"

"Como te chamas?" E ele; "Delma..."

De novo: "Como te chamas?"

"Delma..."

"Como te chamas?"

"Delma..."

"Eu quem sou?"

"Dom Bosco!"

"Eu quem sou?"

"Dom Bosco!"

"Repete ainda uma vez: eu quem sou?"

"O senhor não é Dom Bosco?"

"Sabes por que te faço repetir três vezes estas palavras? Porque são três as palavras que o Senhor te diz, isto é: "Deixa o pecado; conserta os teus problemas de consciência; dá-te a Deus enquanto é tempo. Até logo."

"Delma partiu todo turbado, foi dormir e passou todo o dia seguinte em cima desses pensamentos que eu lhe tinha expressado. No fim da tarde veio me encontrar, todo fora de si. Eu pensava que tivesse brigado com alguém, mas ele chorando me disse: "Dom Bosco estou em vossas mãos. Ajude-me a salvar minha alma."

Sua única preocupação era o bem das almas, e, portanto, guerra ao pecado, a todo custo, sem respeito humano. Alguma rara vez, depois de ter tentado todo meio de correção, se alguns jovens se mostravam incorrigíveis, ele soube fazer tais advertências como aquela da noite de 16 de setembro de 1867.

Calmo, subiu na pequena cátedra, debaixo dos pórticos, diante da assembléia, imponente de padres, clérigos, coadjutores, estudantes, artesãos e famílias. Começou a narrar quanto o Divino Salvador tinha feito e sofrido pela salvação das almas e suas ameaças contra aqueles que escandalizavam os pequeninos. Falou daquilo que tinha feito e, fazia ele mesmo, cumprindo a missão que lhes havia confiado a Divina Misericórdia, e recordava o suor, as dificuldades financeiras, humilhações, as vigílias e privações sofridas pela salvação eterna dos jovenzinhos. Passou então a dizer que, no Oratório, havia lobos, ladrões, assassinos, demônios vindos a roubar as almas a ele confiadas e acrescentava:

"O que fiz eu de ofensa ou de dano que me tratam assim? Não os amei muito? Não os tive como meus filhinhos? Não lhes dei o quanto podia dar? Não os admiti a toda a confiança da minha amizade? No mundo que coisa eles poderiam receber de instrução, sustento, educação, e que esperança poderiam ter para o amanhã se não tivessem vindo ao Oratório? E depois de descrever os benefícios que haviam recebido, prosseguia: "estes crêem que não sejam conhecidos, mas eu sei quem são e poderei

nomeá-los em público. Talvez não fique bem que eu os nomeie, pra eles seria coisa muito desonrosa, seria fazê-los notados pelos companheiros e infringirlhes um castigo terrivel. Mas, se não os nomeio não creiais que Dom Bosco se cale porque não seja informado plenamente de todas as coisas; ou porque não os conheça, ou porque tem vagas suspeitas e queira adivinhar. Isto não! Se eu quisesse nomeá-los, poderia dizer: "És tu, A (e pronunciou nome e sobrenome), um lobo que ages no meio dos companheiros e os afasta dos superiores, colocándo em ridículo os seus avisos. És tu B, um ladrão que com tuas conversas apagas o candor da inocência. És tu C, um assassino que com certos bilhetes, com certos livros, com certos esconderijos, arrancas, do lado de Maria, seus filhos. És tu D, um demônio que estraga os colegas e os impede de frequentar os sacramentos."

Seis foram os nomeados. Sua voz era calma e clara. Cada vez que pronunciava um nome se ouvia um grito sufocado, ou um ai do culpado nomeado que ressoava em meio ao silencio dos companheiros estarrecidos. Parecia o Juízo Universal.

Tendo terminado de falar, todos se retiraram sem respirar. Restaram somente aqueles seis que soluçavam, um apoiando nas pilastras, outro no muro. Dom Bosco parou no meio do pórtico. Os padres e os clérigos faziam grupos a alguma distancia, e nós fomos, entre esses, espectadores de uma cena comovente. Aqueles seis pobrezinhos se avizinharam dele e, um pegou em sua mão, beijandoa, outro pegou em suas vestes. Ele os olhava, enquanto uma lágrima escorria na sua fronte. Ninguém falava. Por fim, disse a algum deles uma palavra confidencial de conforto e saiu do local. Na manhã seguinte, um partiu, alguns estudantes foram colocados na seção dos artesãos e dois desses, depois de um período de prova, foram readmitidos a continuar os estudos. Os que ficaram no Oratório mudaram de tal maneira sua conduta, a ponto de emular os melhores e se tornaram excelentes cristãos.

Que maravilha – repetiremos com D.Bonetti – ver Dom Bosco falando do desejo que tinha de salvar as almas dos seus jovens e, dizendo: "Se eu tivesse tanta solicitude pelo bem de minha alma quanto coloco pelo bem das almas dos outros, estaria seguro de salvá-la". Uma outra vez, mostrando o desejo de ter o coração de seus jovens, acrescentou: "Tudo darei para ganhar o coração dos jovens e assim poder presentear ao Senhor".

Várias pessoas lhe diziam: "Não receba tantos jovens, as bolsas dos bons já estão exaustas", e ele respondia sorrindo: "Faça com que o demônio cesse de enganar tantos pobres jovens e de lançar tantas almas no inferno, e eu cessarei também de me sacrificar por eles. Mas enquanto o demônio busca sempre novos meios para enganar as almas, não deixarei de tentar nenhum meio para favorecê-los e salvá-los".

PARA A MAIOR GLÓRIA DE DEUS



Um dos perigos nos fundadores de obras, ou nas pessoas que pertençam a uma instituição particular é o de tal maneira se concentrarem nelas que não conseguem ver o bem em outras partes.

E comum até se verem pessoas que consideram o seu circulo, a sua maneira, o único meio de se praticar o bem. E se alguém chega ao mesmo fim que eles procuram, por outro meio que não o seu, e fora de seu circulo, depreciam o meio e até sofismam contra o próprio fim. Somente muita virtude evita essa perniciosa tendência.

Dom Bosco, como santo que era, não só não possuía essa tendência, como também sempre, estava disposto a auxiliar toda re qualquer obra católica, fosse qual fosse. Ele sempre auxiliava os esforços alheios em promover o bem.

Assim, em 1845, gastou grande soma en dinheiro – e ele estava constantemente em apuros financeiros – para aprender o idioma alemão e assim poder ouvir em confissão os

et des fantar nenhum meio pare la 21.

soldados alemães que vinham se alistar no exército sardo e, não achavam em Turim, um só padre que os entendesse.

Quando em 1854 a peste atacou a cidade de Turim, Dom Bosco colocou os seus melhores jovens para auxiliar os empesteados, quer espiritual, quer materialmente.

Também com instituições, distintas das suas, ele era de extrema caridade. Por ocasião da formação em Turim das conferências de São Vicente de Paulo, muito as auxiliou Dom Bosco na fundação delas, e ia sempre às suas reuniões para falar sobre o espírito de São Vicente de Paulo, que ele tanto venerava.

Frequentemente enviava seus seminaristas e padres a ensinar nos oratórios que não os dele.

Dom Bosco vivia sempre apertado financeiramente, mas estava sempre disposto a ajudar obras católicas de outros. Desta forma, em certa ocasião mandou a um padre amigo tudo que conseguiu achar em suas gavetas para ajudá-lo na construção de uma nova igreja, além de comprar muitos bilhetes de uma loteria em favor da construção dela.

Onde mais se notava o desprendimento de Dom Bosco era no campo vocacional. Não somente tolerava, como até favorecia a ida de jovens, que preparara para auxiliá-lo, para outras obras.

Procurava atrair alguns alunos seus e formá-los no seu espírito, mas nunca fez insistências, nunca impôs vocações. Dava aos jovens plena liberdade de escolha.



Se um jovem seminarista desistia de ficar com ele, mas queria ainda ser padre, ajudava esse jovem de mil maneiras, inclusive na conclusão de seus estudos. Dizia ele: "lembremo-nos que se oferece uma grande jóia à Igreja quando Lhe conseguimos uma boa vocação. Pouco importa que essa vocação leve ao depois o padre à diocese, às missões ou a um convento. É sempre um tesouro que se oferece à Igreja de Jesus Cristo".

Que esta mentalidade maravilhosa de Dom Bosco sirva de exemplo a nós católicos deste inicio do século XXI, para melhor servirmos à Santa Madre Igreja que tanto merece ser servida com amor e desprendimento.

A MÃE DE DOM BOSCO





Um dos inumeros biografos de Dom Bosco diz textualmente que: "Dom Bosco foi grande, porque teve uma grande mãe". Na verdade, toda a obra educativa de Dom Bosco foi um prolongamento da educação que sua mãe lhe deu

Esta educação não era fruto de tratados pedagógicos, mas sim de uma grande fé. No sistema educativo desta maravilhosa camponesa, Deus era a base e o vértice. Cedo ensinou seus filhos a fazerem suas orações cotidianas e quando Dom Bosco já era padre, ela ainda lhe cobrava se tinha feito suas orações.

"Deus nos vê", repetia ela inúmeras vezes a seus filhos. Ou dizia: "foi Deus quem criou o mundo e cravou lá em cima tantas estrelas. Se o firmamento é tão belo, como será o paraíso?". Recomendava-lhes, outrossim, que fugissem das más companhias como da peste, e certa vez, chegou a dizer a seus filhos, ao notar uns rapazes que falavam palavras inconvenientes, que os amava, mas que preferia vê-los mortos

naquela hora a serem como aqueles jovens. Essas lições sublimes far-se-ão sentir no apostolado de seu filho.

Quando Dom Bosco iá se encaminhava para o sacerdócio, ele pensou em se fazer frade franciscano. Com isso, devido a pobreza que deveria viver se fosse tal, não poderia cuidar de sua mãe. Um padre conhecido falou com ela para que dissuadisse o filho da idéia. Ela o procurou e longe de fazer isso, estimulou Dom Bosco a cumprir com a Vontade de Deus: "só te peço que estudes bem a tua vocação. O que é necessário é que salves a tua alma. O pároco desejava que eu te dissuadisse do que pensas, por causa de mim e de minha velhice... Não te preocupes com o meu futuro. Nada guero e nada espero de ti... Se algum dia escolhesse a vida de pároco, e te tornasses rico, jamais poria os pés em tua casa...".

Dom Bosco não se tornou franciscano a conselho de São José Cafasso. Na hora em que Dom Bosco vestia batina, Mamãe Margarida com lágrimas nos olhos, disse ao filho estas



comovedoras palavras: "Acabas, meu querido João de vestir a batina. Bem podes avaliar a alegria e o contentamento que por isso enchem o meu coração. Lembra-te que não é o hábito que faz o monge, mas a prática das virtudes. Se, por infelicidade, vieres a duvidar da tua vocação, peço-te que não desonres a tua batina. Deixe-a imediatamente, porque eu prefiro ter por filho um pobre camponês, do que um sacerdote menos cumpridor dos seus deveres. Quando nasceste, consagrei-te à Santíssima Virgem; quando começastes os estudos, recomendei-te, quase exclusivamente, a devoção a Nossa Senhora; te peço que seias absolutamente todo, d'Ela. Ama aqueles que A amam, e, se um dia chegares a ser padre, propaga, sem descanso, a devoção a tão boa Mãe".

Após a ordenação sacerdotal de Dom Bosco, mais uma vez vemos as virtudes de sua mãe: "até que enfim és Padre, meu João! De futuro, dirás missa todos os dias. Lembra-te bem do que te digo: começar a dizer missa é começar a sofrer... Estou certa de que hás de

rezar todas as manhãs por mim. Țambém não te peço mais nada. Agora, pensa só na salvação das almas, e não te preocupes absolutamente nada comigo".

Quando Dom Bosco já fazia seu maravilhoso apostolado com os jovens, ele precisava que sua mãe viesse morar com ele em Turim. Para tanto, ela precisaria abandonar a tranqüilidade de seu lar e vir ajudar o filho nas suas tarefas apostólicas. Quando Dom Bosco a consultou, sua resposta foi: "se achas que é essa a Vontade de Deus, podes contar comigo".

No oratório de Dom Bosco, ela cozinhava, costurava, trabalhava, enfim para inúmeros meninos.

Por perto de dez anos, ela incansavelmente trabalhou para os jovens de Dom Bosco, chegando a ponto de vender seu enxoval para ajudar nas despesas da casa.



Enquanto viveu orava sem cessar e a isso aconselhava os jovens de Dom Bosco.

Cumprida plenamente sua missão, faleceu na paz do Senhor em 25 de Novembro de 1856, após receber o Santo Viático de seu confessor, o Padre Borel.

Chorada pelos alunos de Dom Bosco, ela é vista como aquela que forjou o grande apóstolo da juventude e é exemplo de desprendimento e de dedicação às mães de nosso tempo.





PELAS ALMAS, AS SANTAS "LOUCURAS" DE D. BOSCO

No seu afă de salvar almas, Dom Bosco não poupava esforços. Ele dizia que no que se trata do bem das almas, ele queria estar sempre à frente.

Para o bem das almas, ele fazia coisas fantásticas, como a que vamos descrever a seguir.

Ele andava pelas ruas de Turim, à procura de jovens, quando, em certa ocasião, viu três moços jogando dados em cima de um pano. Apostavam dinheiro e quando perdiam xingavam e proferiam blasfêmias.

Eis que, de repente, um padre se põe de cócoras e diz que também joga. Em dois instantes, ganha dos jovens e fica dono do dinheiro. Então pega o pano, os dados, as fichas e começa a correr.

Ele se põe em disparada e os três jovens correm atrás dele e gritam: "Padre, padre ladrão, devolva nosso dinheiro!" "Venham buscar", responde ele que corre com mais velocidade. Os transeuntes, atônitos, assistiam ao insólito espetáculo de três jovens perseguindo um padre.

Eís que chegam ao Oratório. Ali está o Padre Borel, palestrando para os jovens de Dom Bosco. Ele se senta na platéia e os três jovens também, ao seu lado. Eles pedem o dinheiro de volta e Dom Bosco diz que dará, após a palestra.

Dom Bosco, então, faz perguntas ao Padre Borel. O que acontece com jovens que falam palavrões, que blasfemam, que não são bons. O Pe.Borel responde que vão para o inferno e, com perguntas, o santo o faz falar do pecado, da morte, do céu, do inferno, da confissão, da bondade de Nossa Senhora.

Terminada a palestra, Dom Bosco devolve o dinheiro, dá balas aos jovens e os convida a voltar no domingo seguinte. Os jovens lhe dizem então: "Dom Bosco, ouçanos em confissão".

Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 – 01059-970 – São Paulo SP) ou por e-mail (odesbravador@uol.com.br) e gratuitamente receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil

O Barbeirinho

Na sua pesca de almas, Dom Bosco não escolhia lugar. Assim, ao fazer a barba, procurava fazer bem aos aprendizes de barbeiro, que ficavam nos salões, colocando toalhas quentes, para amaciar a barba, para depois os barbeiros as cortarem.

Certo dia, Dom Bosco, vê o jovem aprendiz, Carlos Gastini, que tem pouco mais de 10 anos e, ao ser atendido por ele, propõe que ele o barbeie, para com isso poder lhe falar do Oratório,

O barbeiro, ao ver isso, pede que não o faça, pois o menino vai feri-lo. D.Bosco diz que o menino saberá trabalhar e apanha na operação, mas consegue que o menino vá no domingo seguinte ao Oratório. Não só no seguinte, mas por anos a fio. Quando fica órfão, vai ser um dos primeiros internos do Oratório, homem feito, será o fundador da Associação dos Ex-Alunos de Dom Bosco e seu presidente por muitos anos.

Poeta habilidoso, após a morte de D.Bosco, Gastini dizia sempre: "No vado morire que a setanta anni, porqué me lo a detto Papa Giovanni" ou "Não morrerei senão com setenta anos, porque assim me disse Papai João (Dom Bosco)".

Gastini morreu fiel à Igreja com 70 anos e um dia.

O filho do anticlerical

Um jovem, filho de pais anti-católicos, passava um domingo nos arredores do Oratório.

Então, ele e sua turma, ouviram ao alarido que vinha dos jovens de D.Bosco.

A CONTROL OF THE PARTY OF THE P

Fazem escadinha e vêem uma cena maravilhosa: meninos se divertindo e brincando sadiamente, catolicamente.

O nosso personagem quer ver melhor e sobe no muro. Seus colegas o empurram e ele cai dentro do Oratório, aos pés de Dom Bosco. Quando ele vê dois padres (o santo e Padre Borel) ele se põe a gritar. Eles tentam contê-lo, mas ele diz que não quer saber de padres. Pede que o deixem ir embora.

Dom Bosco, então, com doçura, tem amena conversa com o jovem. Pergunta-lhe se fez a 1ª Comunhão, se vai à Missa e ele responde que isso é para os padres e as "beatas".



Aí, o santo o convida para brincar no Oratório, ele responde que sim, desde que não tenha de ir à Igreja.

Aí, ele vai brincar. Na hora que todos se dirigem apara a Igreja, ele vai embora, e fica de voltar no outro Domingo. De novo brinca alegre e, na hora de ir à Igreja, Dom Bosco lhe propõe ir uns instantes. Ele diz que na outra semana iria.

E foi. Em pouco tempo estava se confessando e fez a la Comunhão.

Em breve, seus pais, que eram anticatólicos descobrem e o proíbem de ir ao oratório. Ele resiste e resolve pensar na própria alma. Vai ao Oratório. Seu pai descobre e vai atrás dele que se esconde no alto de uma árvore.

Quando seus pais vão embora, Dom Bosco, para salvá-lo da ira paterna, manda-o para a casa de um bom patrão em povoado vizinho.

O jovenzinho sempre se manteve católico fervoroso, pelo resto da vida.

O PRIMEIRO SONHO



São João Bosco falava e escrevia com encantadora simplicidade e candura. Sua voz e, hoje, tão viva como outrora. Vamos ouvila:

"Na idade de nove anos tive um sonho, que me ficou profundamente impresso no espírito por toda a vida.

No sonho pareceu-me estar perto de casa, num terreiro bastante grande, onde estavam reunidos muitos meninos, que brincavam. Alguns riam, outros corriam e outros blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, atirei-me logo em cima deles, dando socos e gritando para fazê-los calar.

Nesse momento, apareceu um homem venerando, de idade adulta, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe toda a pessoa; mas o rosto era tão luminoso que eu não podia encará-lO.

Ele me chamou pelo nome e me ordenou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

- Não com pancadas, mas com mansidão e caridade deverás ganhar estes teus amigos. Põe-te logo a instruí-los sobre a feiúra do pecado e sobre a preciosidade da virtude.

Confundido e espantado, disse-lhe que eu era uma pobre criança, incapaz de falar de religião àqueles rapazes.

Nesse momento, os meninos, cessando as brigas, traquinagens e blasfêmias, reuniram-se ao redor do Personagem que falava.

Quase sem saber o que dizia, perguntei:

- Quem sois vós, que me ordenais coisas impossíveis?

Ele respondeu:

- Justamente porque tais coisas parecem impossíveis, deves torná-las possíveis, com a obediência e com a aquisição da ciência.
- Onde e de que maneira posso adquirir a ciência?
- Eu te darei a Mestra, sob cuja disciplina poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda a ciência é tolice.
- Mas quem sois vós para falardes dessa maneira?
- Eu sou o Filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.
- Minha mãe me recomendou que não me juntasse com quem não conheço, sem sua licença; por isso, dizei-me o vosso nome.
 - Pergunta a minha Mãe, o meu nome.

Nesse momento, vi a seu lado uma Senhora de majestoso aspecto, vestida de um manto que resplandecia em todos os pontos, como se cada lugar do mesmo fosse uma brilhantíssima estrela.

Vendo-me cada vez mais atrapalhado nas minhas perguntas e respostas, fez um sinal para aproximar-me dEla e, tomando-me bondosamente pela mão, me disse:

- Observa!

Ao observar, percebi que todos aqueles meninos tinham fugido e no lugar deles vi uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e vários outros animais.

- Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar! - continuou a falar a Senhora. - Torna-te humilde, forte, robusto e o que neste momento vês acontecer a estes animais, tu deverás fazê-lo a meus filhos.

Voltei então a olhar e eis que, em vez de animais ferozes, apareceram outros tantos cordeirinhos mansos, os quais baliam e saltavam, correndo ao redor daquele Homem e daquela Senhora, como que querendo festejá-lOs.

Nesse momento, sempre sonhando pusme a chorar, e pedi àquela Senhora que me explicasse o que estava sucedendo, porque eu não entendia coisa alguma.

Ela então pôs sua mão sobre minha cabeça, e disse:

- No tempo oportuno, tudo compreenderás.

Dito isso, um ruído qualquer me acordou e tudo desapareceu.

Parecia-me que as mãos me doíam pelos socos que eu tinha dado e sentia arderem-me as faces pelas bofetadas apanhadas daqueles garotos; ao mesmo tempo aquele Personagem e aquela Senhora, e tudo o que me disseram e eu ouvira, não me saíam da mente, de tal forma que, naquela noite, não pude fechar mais os olhos.

De manhã, contei logo o sonho aos meus irmãos, que se puseram a rir; depois a minha mãe e a minha avó. Cada qual deu a sua interpretação.

Meu irmão José dizia:

- Certamente, vais ser pastor de cabras, ovelhas e de outros animais.

Minha mãe:

- Quem sabe se não vai ser padre! Antonio, ríspido:
- Serás talvez chefe de bandidos!

Minha avó, que sabia algo de teologia, apesar de analfabeta, deu a sentença definitiva, dizendo:

- Não devemos acreditar em sonhos.

Eu era do parecer de minha avó; não obstante, nunca pude varrer da memória àquele sonho. Nunca dei importância ao caso; os meus parentes também não. Quando, porém, fui a Roma em 1858, para tratar com o Papa da Congregação Salesiana, ele mandou-me contar tudo minuciosamente, mesmo que tivesse apenas aparência de sobrenatural. Pela primeira vez contei então o sonho que tinha tido na idade de nove ou dez anos. O Papa recomendou-me que o escrevesse no seu sentido literal, minucioso, e deixando-o depois como ilustração encorajamento aos filhos da Congregação, que era o motivo daquela viagem a Roma". (até aqui palavras textuais de D.Bosco).

COMO AJUDAR "O DESBRAVADOR"

BANCO ITAÚ

C / C 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

C / C 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA
Ou então, envie-nos pelo correio um
cheque nominal e cruzado ao Grêmio
Santa Maria

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

D. BOSCO, O TAUMATURGO DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA



Certa ocasião, D.Bosco foi convidado a pregar um tríduo em preparação da festa da Assunção de Nossa Senhora, na região de alguns benfeitores de sua obra.

Levou consigo os padres Rua e Cagliero. Na localidade, não chovia há 3 anos e os lavradores estavam à beira da ruína.

No primeiro dia do tríduo, D.Bosco disse em seu sermão que se todos os habitantes se confessassem e fizessem boa Comunhão, choveria no dia da festa de Nossa Senhora.

Naquele resto de dia e nos 3 dias seguintes, os confessionários ficaram lotados.

Ao saberem disso, os habitantes de uma aldeia vizinha e que eram valdenses (membros de uma seita protestante)

programaram um baile, a céu aberto para o dia da festa.

Não choveu no período.

No dia da festa, antes do sermão, D.Bosco pediu ao sacristão que examinasse o céu, para ver como estava. Ele respondeu que estava todo azul e sem uma única nuvem.

D.Bosco descreverá depois que não tinha querido dizer o que entenderam. O santo, então, na sacristia, vai aos pés da imagem de Nossa Senhora e diz à Mãe de Deus: "Senhora, se não chover, não serei eu, mas a senhora quem ficará mal", e reza uma fervorosa Ave-Maria.

Sobe ao púlpito e, ao fazer o Sinal da Cruz, ressoa um trovão, seguido de outro e de copiosa tempestade, tendo chovido por 3 dias.

Na aldeia valdense choveu granizo.

Deixando as muletas

O caso seguinte é contado por um partícipe dele, o Padre Lemoyne, secretário de Dom Bosco.

Num 24 de maio, festa de Nossa Senhora Auxiliadora, a igreja da Mãe Celestial está lotada, com milhares de pessoas esperando receber a benção de Nossa Senhora Auxiliadora, das mãos de Dom Bosco. O Padre Lemoyne estava fora e ao retornar para a Igreja, vê sair, cabisbaixo, um aleijado de muletas.

O Padre Lemoyne, vendo-o chateado e triste, pergunta: "O senhor veio receber a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora, das mãos de Dom Bosco, na esperança de Cura?", ele responde: "recebi". O Padre pergunta ainda: "ficou curado?", "não" respondeu ele.

O Padre Lemoyne então fala: "Dom Bosco não dá em vão a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora, volte até ele".



Ele volta, e apenas dera alguns passos, as muletas caem e o homem sai andando e curado.

400 pães em cesto vazio

Em outubro de 1860, um jovem de 15 anos, Francesco Dalmazzo, entrou para o Oratório de Turim, atraído que fora pelas Leituras Católicas, elaboradas por Dom Bosco.

Mas após vinte dias, Francesco estava desanimado, pois acostumado a outro estilo de vida, não se adaptava à alimentação demasiado modesta do Oratório e aos costumes do Instituto. Resolve voltar para casa e pede para sua mãe vir buscá-lo.

Antes de partir, porém, ele queria confessar-se mais uma vez com Dom Bosco. Esperou sua vez, e receberia um pãozinho para o café da manhã, após a missa.

Eis que chegam os que distribuiriam os pães e dizem a Dom Bosco que não havia mais pães. Dom Bosco fala que se dirijam ao padeiro e o

deixe confessar. Eles respondem que o padeiro não entregaria mais pão porque a conta anterior não fora paga.

Quando Dalmazzo terminou a confissão, o santo pediu que pusessem os pães no cesto e ele os distribui. Só havia 15 ou 20 pães. Dalmazzo pegou o seu e viu cerca de 400 meninos pegarem os seus, por fim examinou o cesto ali estavam os pães originais.

Dalmazzo corre então à sua mãe e conta o ocorrido, dizendo que não irá mais embora, pois não vai deixar um santo como Dom Bosco.

Francesco Dalmazzo ficou com Dom Bosco para sempre, tornando-se padre Salesiano.

UM POEMA CHAMADO DOM BOSCO

Vimos, sumariamente, neste número, alguns aspectos da alma deste Grande Santo que foi Dom Bosco.

Um homem que refletia a bondade de Deus. Dele se dizia que, se ele, Dom Bosco, era tão bom, como seria a bondade de Deus que é infinita.

O poeta francês, Paul Claudel, falava que se não houvesse a confissão, seria preciso inventá-la para Dom Bosco confessar.

Foi o pai, apóstolo e mestre da juventude que queria ver sempre alegre e longe do pecado e para isso dedicou toda sua vida.

Falamos de algumas de suas santas "loucuras" para mostrar o que ele fazia pelos jovens, e gostaríamos de narrar um fato para revelar até onde ele chegava para os jovens estarem na graça de Deus.

Algumas noites, após o jantar, antes das "boas-noites", pequena palestra para os jovens, estes estavam sonolentos e propensos à modorra. Dom Bosco, então, lhes disse: "sigam-me e façam o que eu fizer". E se punha a marchar, cantar e era seguido pelos 300 jovens da casa. Corria, e eles, corriam, subia escadas batendo os pés e eles o imitavam, dava voltas em árvores e eles também, e por fim, todos estavam alegres para o serviço de Deus.

No início de seu apostolado ele pediu a Nossa Senhora, alguns tronos no Céu, para seus jovens. Nossa Senhora consentiu no pedido. Depois pediu mais, mais e por fim mais de 300.000 tronos no Céu e Nossa Senhora sempre aquiesceu e mais muito mais.